

Variação e devariação

Günter Bellmann¹

Tradução: Rita Dolores Wolf e Cleo Vilson Altenhofen²

1. VARIAÇÃO E FUNCIONALIZAÇÃO

Variantes de unidades lingüísticas, seja qual for o contexto em que apareçam, i.e. em textos realizados de forma oral ou escrita, têm evocado das mais diversas maneiras uma atenção metacomunicativa, e isso de modo especial nos casos em que podiam remeter, como de costume, a uma norma adequada, e serem interpretadas como desvios desta. Existe a visão de que a redução da variação tenha liberado o caminho para a língua culta e escrita do alemão padrão³, de modo que esta pudesse se formar e se fixar. Na sala de aula, desde muito considera-se uma grande parte das variantes produzidas pelos alunos como erros. Mesmo que a atual lingüística de erros vá muito além da avaliação negativa e da correção, toda variante assim verificada continua sendo para a aula uma expressão estigmatizada de desvio da norma.

Por outro lado, sempre existiu também uma valoração positiva da variação – sob este mesmo termo –, assim por exemplo através da história geral da retórica para a caracterização do método principal desta disciplina, mais precisamente do emprego rebuscado e dosado do aparato de recursos figurativos⁴. A partir daí, talvez também impulsionado pela influência da lingüística do século XIX, inspirada nas ciências naturais (August Schleicher), a atual pesquisa lingüística da variação pôde chegar a uma terminologia própria. E mais do que isso: pode ser observada a transposição de um conceito funcional de variação a partir da retórica para a área das variantes de uso da língua não intencionadas aparentemente, aparentemente sem função e até (também aparentemente) disfuncionais, o que corresponde aproximadamente à visão da sociolingüística atual. Que barbarismos e solecismos

¹ Esteve no Instituto de Letras, na condição de Pesquisador convidado, em 1992, quando ministrou palestra e visitou comunidades bilingües do interior, com vistas à orientação da Tese de Doutorado do Prof. Cleo Vilson Altenhofen sobre o Hunsrückisch falado no Rio Grande do Sul.

² Instituto de Letras – UFRGS.

³ Cf. W. BESCH. *Schriftsprache und Landschaftssprachen im Deutschen. Zur Geschichte ihres Verhältnisses vom 16.-19. Jahrhundert*. Rhein Vjbl. 43 (1979). p. 323-343, especialmente p. 323 "Variantenabbau".

⁴ Cito apenas C. PUDOR. *Der Teutschen Sprache Grundrichtigkeit und Zierlichkeit* (1672). (Documenta Linguistica. Reihe V). Hildesheim/New York, 1975. p.72ss. *Der Teutschen Sprache zierliche Verwechslung. Variatio*. - C. WEISE. *Neu-Erleuteter Politischer Redner*. 1684. Kronberg/Ts., 1974.

deveriam sem dúvida ser evitados e que, no entanto, também, se considere de vez em quando sua utilidade retórica (“interim excusantur”), é um fato que, de qualquer forma, já se encontra prescrito em Quintiliano⁵.

No presente contexto de relações, entende-se por variação a flutuação orientada macro e microsituacionalmente dentro do contínuo lingüístico padrão e subpadrão. O modelo de contínuo do uso da língua corresponde ao comportamento lingüístico da sociedade cada vez mais urbana. Ele tem relação com o modelo de uma gramática comunicativa, cujas “unidades” se representam como variáveis, de uma gramática que, para e sobre a estrutura lingüística, constrói uma segunda estrutura, situada verticalmente. Camadas lingüísticas descontínuas e distintas umas das outras (dialeto - linguagem coloquial - língua padrão) pertencem, assim, ao contínuo como realidade do passado lingüístico e existem de resto meramente como construtos abstraídos pelos pesquisadores.

A variação como um fenômeno típico que acompanha a comunicação através de línguas naturais vale, neste sentido, e com razão, como um objeto de estudo sincrônico da língua. Nas páginas seguintes, no entanto, o problema da variação deverá ser visto como um problema da mudança da língua, portanto antes de tudo histórico.

Não é a formação da variante e muito menos o seu uso que deverão ser considerados, mas muito mais o aspecto oposto da conclusão do estado variativo de uma variante, ou seja, a deviação. A deviação pode manifestar-se basicamente de duas maneiras, a saber:

- através da redução da variação, tendo como resultado a eliminação de variantes,
- ou mesmo o oposto a isso, através do desdobramento de casos de variação no sentido da especialização de sua função, a seguir denominada abreviadamente de funcionalização, com a qual sua diferenciação e modo de se tornar útil é abordada como meio de designação.

Uma funcionalização de variantes concebida desta forma pode levar a escalas múltiplas de diferenciação de funções e, eventualmente, à lexicalização como sua última etapa, conforme já aludimos anteriormente. Com isso já se dá a entender que a variação, assim como os processos de funcionalização potencialmente possíveis de ocorrer, não deve incluir apenas processos fônicos (do ponto de vista da expressão), mas também processos semânticos (que envolvem o conteúdo). Com respeito ao modo de observação do esboço apresentado, vale ainda complementar que a visão não será apenas predominantemente histórica, como foi dito, mas quanto a isso também orientada para o sistema, na medida em que a questão central será, ao invés do uso da língua e de variantes, o poder de mudança sistêmica exercido sobre o léxico da língua, pelo qual os resultados desses tipos de processos se tornam, por sua vez, pontos de referência e de partida de outros usos da língua e de variantes. Deve-se chamar a atenção, aqui, para o potencial da

⁵ M.F. QUINTILIANUS. *Ausbildung des Redners. Zwölf Bücher*. Ed. e trad. H. RAHN. Parte 1. Darmstadt, 1972. p. 60.

variação no sentido exposto da mudança no sistema e para os efeitos recíprocos da variação e mudança de sistema uma na outra. Um breve retrospecto histórico-científico mostra que reflexões desse tipo têm ocupado já a lingüística do século XIX, assim por exemplo Karl Ferdinand Becker, o qual, movido pela noção de organismo de seu tempo, por Wilhelm von Humboldt, a quem ele dedica a sua primeira obra, e, por fim, pela sua própria formação em medicina, escreve no ano de 1827: “Assim como são possíveis modificações (variedades) das formas de organização em outras coisas orgânicas através da natureza mutável das matérias, também são possíveis modificações das formas das palavras na língua através da natureza mutável dos sons dessa língua.”⁶ As reflexões de Becker apontam, por um lado, para o fenômeno duplo da “modificação” (leia-se: variação) e, por outro lado, do nosso caso especial de que “as modificações inicialmente apenas dialetais” se transformam em “expressões de conceitos logicamente distintos”.⁷ Becker trata também do problema cardinal da conservação *versus* dissolução da “identidade da palavra”⁸ envolvido nesta questão e que constitui, ainda hoje, um problema atual de ordem lexicológico-lingüístico-variacional.

Um caso especial, na medida em que se trata aqui, na maior parte, da lexicalização de formas lingüísticas de diferentes fases histórico-lingüísticas, deve constituir a separação de unidades do vocabulário freqüentemente observadas na lexicologia histórica das línguas românicas, separação esta salientada por Friedrich Diez no prefácio de seu Dicionário Etimológico (1853) como sendo um princípio da formação de “formas separadoras” (*scheideformen*),⁹ a qual, a partir daí, permanece consciente e atual na pesquisa germanística: Reinhold Bechstein (1863) introduz o termo “palavra gêmea” (*Zwillingswort*)¹⁰. A isso segue-se a análise feita por Otto Behaghel (1878)¹¹, que aborda o tema em uma dimensão ampla, além de também assentar bases teóricas para o seu estudo. No trecho “diferenciação de significado” dos seus *Princípios*, Hermann Paul (1880) considera detalhadamente as “palavras duplas” (*doppelwörter*), como ele as denomina.¹² Estimulada por Ludwig Tobler, surge em Zurique a Tese de Doutorado de Ella Mensch (1886) sobre as “formas separadoras” (*Scheideformen*) no Moderno Alto Alemão¹³. Walter Henzen (1954) menciona “formas de ruptura” (*Spaltformen*).¹⁴ Devemos a Gunter

⁶ K.F. BECKER. *Organism der Sprache als Einleitung zur deutschen Grammatik*. Frankfurt am Main, 1827. p. 114.

⁷ BECKER. *Organism* (cf. nota 6), p. 118.

⁸ BECKER. *Organism* (cf. nota 6), p. 115.

⁹ F. DIEZ. *Etymologisches Wörterbuch der romanischen Sprachen*. Berlin, [1]1853. p. XIX.

¹⁰ R. BECHSTEIN. *Ein pessimistischer Zug in der Entwicklung der Wortbedeutungen*. In: *Germania* 8 (Wien, 1863). p. 330-354, principalmente p. 337.

¹¹ O. BEHAGHEL. *Die neuhochdeutschen Zwillingswörter*. *Germania* 23 (Wien, 1878). p. 257-292.

¹² H. PAUL. *Prinzipien der Sprachgeschichte*. Halle, 1880. p. 131-144.

¹³ ELLA MENSCH. *Die Scheideformen im Neuhochdeutschen*. Inaugural-Dissertation Zürich. Darmstadt, 1886.

¹⁴ W. HENZEN. *Schriftsprache und Mundarten. Ein Überblick über ihr Verhältnis und ihre Zwischenstufen im Deutschen*. (Bibliotheca Germanica 5) Bern, 1954. p. 206.

Bergmann (1986) a representação mais recente que fala do “vir-a-ser palavra de formas fônicas dialetais” e “formas leximatisadas”¹⁵.

2. FUNCIONALIZAÇÃO E LEXICALIZAÇÃO

2.1. Com o conceito generalizante de funcionalização, conforme foi dito, os diferentes tipos de função condicionados à variação são abordados como um aspecto da mudança lingüística, a saber em nosso caso exclusivamente aquelas relativas ao léxico. Confrontam-se, com as funções denominadas individualmente, os tipos de diferenciação básicos relativos ao material lingüístico, os quais são questionados como constituintes de variáveis lexicais. Se classificarmos ambos os critérios, tipo e função, em lugar de uma classificação aproximadamente completa que, no entanto, não pode ser empreendida aqui, deverão em seguida apenas ser sugeridas as manifestações mais importantes. Os exemplos, na medida do possível, serão retirados do Alemão Central Ocidental (*Westmitteldeutsch*).

2.2. Como tipo constituinte mais sensível à funcionalização, serão citados em primeiro lugar os heterônimos, mais precisamente aqueles com diferenciação areal. Um caso como

Sonnabend^{a1}, *Samstag*^{a2}, *Satertag*^{a3} ‘sábado, último dia útil da semana’¹⁶

mostra que as (co-)heteronímias têm de apresentar como função suplementar, além da sua função de designação denotativa, apenas a complementaridade do fator relativo a sua validade por área (a=areal). Uma funcionalização no sentido de uma mudança lingüística fica, dessa maneira, descartada. Esse quadro se altera nas áreas de fronteira e de outros contatos areais, onde as variantes adotam o *status* de sinônimos, de modo que poderia ocorrer, para as unidades de vocabulário envolvidas, o estado comunicativamente problemático da “polionímia”. Aqui é válida a regra já formulada por Karl Bohnenberger, de acordo com a qual, pelo menos na língua popular, “é usada apenas uma palavra para uma coisa ao mesmo tempo e no mesmo grupo de fala”¹⁷. Essa regra, através da qual se limita a amplitude das possibilidades de variação lexical em um ponto crucial, estabelece a alternativa já mencionada: eliminação ou continuação por meio da funcionalização. O número de exemplos retirados de zonas geolingüísticas que podem ser

¹⁵ G. BERGMANN. *Lautformen als Wörter*. Beiträge zur Erforschung der deutschen Sprache 6 (Leipzig, 1986). p. 229-233.

¹⁶ W. MITZKA/L.E. SCHMITT (org.). *Deutscher Wortatlas*. vol. 16. Gießen, 1968. Mapa 11.

¹⁷ K. BOHNENBERGER. *Grundsätzliches zu den deutschen Ortsnamen*, GRM. 17 (1929). p. 321-341, p. 342.

apresentados para o último processo é grande. Fazem parte aqui também integratos* provenientes de línguas em contato, os quais concorrem com o equivalente endógeno. Cite-se, por exemplo,

Geißel, *Peitsche* ‘chicote do condutor de carroça’

onde se pode constatar, em um determinado ponto, uma conotação negativa em parte para *Geißel*, mas em parte também, no sentido oposto, para *Peitsche*¹⁸. A funcionalização que se segue, afetando o terreno da denotação, e a utilização da polionímia ocorrem quando, como igualmente está documentado, em algumas regiões *Geißel* significa ‘um chicote fabricado manualmente’ ou ‘chicote usado em dia de semana’, significando *Peitsche*, em contrapartida, um ‘chicote comprado’ ou um ‘chicote usado em domingos’¹⁹.

2.3. Foram objeto da funcionalização, no caso discutido há pouco, exemplos que originariamente representavam heteronímias, unidades de vocabulário de qualquer modo completas e independentes. O próximo tipo básico de funcionalização, concernente à sua constituição quanto ao material lingüístico utilizado, baseia-se na variabilidade (original) de morfemas de derivação. Aqui se poderia falar da polionímia parcial das formas de partida. Kurt Bräutigam²⁰ apresenta exemplos deste tipo para a cidade de Mannheim, onde o Reno separa o morfema <-l> e o morfema <-chen> como recurso de formação do diminutivo, onde portanto ambos os morfemas – por exemplo, em *Köpflein* e *Köpfchen* – variam como alomorfes e, a partir daí, puderam levar à funcionalização lexical:

kebl ‘cabecinha’ - *kebše* ‘salto de cabeça na água’

sibl ‘sopinha’ - *e sibše oigebrogd* (idiomático)²¹

šlibl ‘nó’ (no médio alto alemão, *slupf*) - *šlibše* ‘uma moça folgada’

* N.T.: O termo, usado para designar empréstimos perfeitamente integrados à língua receptora, já aparece em BELLMANN, Günter. *Slavoteutonica. Lexikalische Untersuchungen zum slawisch-deutschen Sprachkontakt im Ostmitteldeutschen*. Berlin; New York, de Gruyter, 1971. p. 25. Veja-se também o tratamento dado por ALTENHOFEN, Cléo V. *Hunsrückisch in Rio Grande do Sul. Ein Beitrag zur Beschreibung einer deutschbrasilianischen Dialektvarietät im Kontakt mit dem Portugiesischen*. Stuttgart, Steiner, 1996. p. 115. (Mainzer Studien zur Sprach- und Volksforschung; 21.)

¹⁸ R. MÜLLER. *Die Synonymik von “Peitsche”. Semantische Vorgänge in einem Wortbereich*. (Marburger Beiträge zur Germanistik 14) Marburg, 1966. p. 82. - W. BRÜCKNER (org.). *Frankfurter Wörterbuch*. Frankfurt am Main, 1971-1985. p. 835.

¹⁹ R. MÜLLER. *Synonymik* (cf. nota 16). p. 77.

²⁰ K. BRÄUTIGAM. *Die Mannheimer Mundart*. Inaugural-Dissertation Heidelberg. Heidelberg, 1934. p. 119s.

²¹ As formas dialetais citadas aqui e no texto seguinte, pelo fato de elas obedecerem a sistemas de transcrição muito diferenciados, serão reproduzidas de forma simplificada por motivos de ordem tipográfica. No entanto, não será adotada uma padronização das transcrições.

O material de Bräutigam mostra que, mesmo de variantes dentro do grupo dos diminutivos em <-l>, pode resultar funcionalização:

menl 'posição do coelho protegido' - *menele* 'homenzinho de barro ou bolota'

2.4. A variação lexical deve o seu caráter especial ao fato de que ela não está limitada apenas à variação heteronímica que, assim mesmo, ocorre de forma reduzida (2.2.) e à variação de morfemas que aparece inserida nesta (2.3.), mas que a variação onipresente se agrega a ela e, em certo sentido, à maneira de *portemanteau*, torna disponível uma outra variabilidade interna, de fato muito sutil. Os heterônimos são, assim, vinculados adicionalmente à sua variação a partir do nível fônico. Do mesmo modo, ficam sabidamente excluídos da variação fônica os não-heterônimos, os homônimos existentes entre as unidades do vocabulário. Trata-se, neste caso, globalmente do tipo básico de funcionalização 3 envolvendo material lingüístico. Muitas vezes, ignora-se que os sons não variam por si, mas que eles o fazem sempre apenas como elementos de unidades de vocabulário e que, apenas como tais, eles assumem marcas sociolingüísticas e sociopragmáticas. O efeito variativo dos sons das unidades de vocabulário, da hetero- e homonímia, atua, por essa razão, de forma especialmente sutil e duradoura, porque as marcações variativas de sons não aparecem isoladamente em um dado momento, como os pares de heterônimos, mas porque elas estão incluídas nas associações histórico-etimologicamente explicadas dos grupos que, pela sua incidência, se estabelecem e, por fim, porque elas perpassam o texto falado com as linhas dessas relações, tornando-o comunicativamente interpretável ao ouvinte no que se relaciona ao nível padrão/subpadrão adotado. Essa informação é acrescentada à informação semântica conceitual.

Para a nossa visão geral, comprova-se, a partir de agora, que o potencial de variação fonicamente determinado também está presente, de modo especial, como potencial da especialização de função, na elaboração diferenciada de sistemas lexicais locais e regionais. Unidades de vocabulário funcionalizadas em virtude de uma variação fonética surgem, de um lado, através da estabilização de duas formas lingüísticas da mesma unidade de vocabulário e, de outro, através de sua estabilização semântica diferentemente direcionada e, em geral, ocorrendo simultaneamente. Pares de variantes desse tipo originam-se ou da variação horizontal (areal), ou – mais freqüentemente – da variação vertical (social). Teremos de aceitar que também aqui as variantes originariamente horizontais, portanto variantes de diferentes dialetos, percorrem sucessiva ou simultaneamente um processo de verticalização²² e “sinonimização” que permite que as variantes se tornem elementos do sistema que desencadeia a estabilização do significado.

²² Cf. O REICHMANN et alii. *Zur Vertikalisierung des Varietätenspektrums in der jüngeren Sprachgeschichte des Deutschen*. In: Fs. L. E. Schmitt, Berlin/New York, 1988, p. 150-180.

Verticalização quer dizer ordenação na dimensão padrão-subpadrão, dentro da qual os componentes do conjunto de pares de variantes estabilizados assumem uma posição diferentemente “profunda” (distante do padrão).

Em princípio, há que diferenciar, portanto, entre variantes originariamente autóctones e “heteróctones” e pares de variantes. É igualmente fundamental que se diferencie entre as duas possibilidades de estabilização: a executada desde o início em termos de superfície e aquela que remete à estabilização pontual e subsequente propagação (difusão). De um modo geral, sabemos muito pouco sobre as condições de surgimento, uma vez que os processos de diferenciação e de estabilização apenas excepcionalmente alcançam a língua escrita e padrão e apenas então criam uma situação de comprovação empírica mais favorável, como no caso de *drücken* ‘apertar’ e *drucken* ‘imprimir’. Se é verdade que a língua escrita e padrão, sobreposta como norma de cobertura às demais variedades,^{*} apenas raramente desempenha um papel do lado da emissão do processo de funcionalização, assim também com tanto mais freqüência aparece do lado da recepção, na medida em que essa língua escrita ou padrão, ou uma área do subpadrão próxima a ela (“linguagem coloquial”), determina um dos elementos do par de variantes a ser estabilizado. É justamente o envolvimento de todo o espectro da língua falada, incluindo certa participação também da língua escrita, que torna a funcionalização das variantes fônicas um capítulo importante e um aprendizado sobre as inovações lexicais, através do qual se mostra para quais entidades conceituais de quais ambientes de falantes com quais recursos lingüísticos e também recursos auxiliares podem ser criadas unidades lexicais e unidades substitutivas, em contraste e em oposição a campos de designação (paradigmas onomasiológicos) da língua padrão, escolar e de civilização.

O ponto crucial dessas reflexões consiste no fato de que evidentemente não parece possível nenhuma separação não-contestável entre as funcionalizações que, por assim dizer, ainda se encontram na “ante-sala” da lexicalização completa e as lexicalizações propriamente ditas. Isso depende em parte do conceito de lexicalização que por ora ainda permanece pouco claramente definido. Isso também se deve, por outro lado, ao fato de que o material coletado na maioria dos casos é apresentado com uma formulação muito lacônica ou vaga demais, de modo que conclusões subseqüentes acabam parecendo problemáticas. Para os pares de variantes funcionalizados é válido o paradoxo de que esses casos de fato são muito freqüentes, mas que eles são pouco ou insuficientemente conhecidos da pesquisa. Eles podem ser estabelecidos e descritos apenas pelo dialetólogo que meticulosamente coleta seus dados no local, destacando-se aqui sobretudo os que falam um dialeto como língua materna. Bons observadores, como Kurt Bräutigam para Mannheim, são uma rara exceção. Portanto, no que diz respeito à delimitação de funcionalização e lexicalização, eu por enquanto me atenho à aceitação de que

^{*} N.T.: A metáfora da norma sobreposta/suprajacente “que serve de teto” (*Überdachungsnorm*) é recorrente na literatura germanística. Cf. ALTENHOFEN (1996, p. 123 - cf. nota [*] anterior).

todas as ocorrências que serão tratadas na seção 2.4 são lexicalmente relevantes, i.e. que sua marca semântica não é condicionada apenas pela situação ou pelo contexto.

Com a lista de classes e subclasses de funções que se segue, não se pretende, de modo algum, um levantamento completo e exaustivo.

2.4.1. Variantes na sua origem (fônicas) são funcionalizadas, na medida em que assumem diferentes significados conotativos. A seguir, trataremos em primeiro lugar de conotações com valoração positiva/negativa²³:

No caso de *Vater* 'pai' e *Mutter* 'mãe', o *Rheinisches Wörterbuch* (Dicionário do Dialeto Renano) registra para áreas aparentemente grandes do francônio renano e do Mosela "conforme o uso, dois desenvolvimentos fônicos da palavra, quais sejam α. os legitimados pela pronúncia para o uso vulgar, depreciativo e em RA. Zs., β. o uso determinado pelo Moderno Alto Alemão *Vater* [respectivamente *Mutter*] para o uso honroso, ..." ²⁴; assim p. ex.:

fader 'pai (honorativo)' - *färer, föder* 'pai (depreciativo)'.

Também na região do Palatinado, p. ex. em Pirmasens, a variante *moder*, marcada como arcaica pela sua posição vocálica, é evitada como sendo "ordinária" por uma grande parte dos falantes do dialeto²⁵.

Em Mannheim, distinguem-se os seguintes exemplos, correspondendo a ausência de traço a sua conotação negativa²⁶:

fī 'animais' - *fīs* 'animais (depreciativo)' (N.T.: cf. a forma padrão *Vieh*)

de forma semelhante em Heppenheim²⁷:

fē 'animais' - *fīx* 'animais (pejorativo)' (N.T.: cf. a forma padrão *Vieh*).

²³ Um instrumental detalhado para a descrição dos recursos lingüísticos usados para a valoração subjetiva no *substandard* foi apresentado por Judith SANDHÖFER-SIXEL. *Modalität und gesprochene Sprache. Ausdrucksformen subjektiver Bewertung in einem lokalen Substandard des Westmitteldeutschen*. (Mainzer Studien zur Sprach- und Volksforschung 15) Stuttgart, 1988.

²⁴ J. MÜLLER/H. DITTMAYER. *Rheinisches Wörterbuch*. Vol. 9. Berlin, 1964-1971. Coluna 90s. - J. MÜLLER. *Rheinisches Wörterbuch*. Vol. 5. Berlin, 1941. Coluna 1473ss.

²⁵ H. OTTERSTETTER. *Die Mundart von Pirmasens*. (Studien zur Soziologie einer pfälzischen Stadtmundart). Hektogr. Inaugural-Dissertation. Mainz, 1952. p. 74.

²⁶ K. BRÄUTIGAM. *Mannheim* (cf. nota 20), p. 81.

²⁷ W. SEIBT. *Zur Dialektgeographie der hessischen Bergstraße*. (Gießener Beiträge zur deutschen Philologie 27) Gießen, 1930. p. 22.

O procedimento bastante difundido da formação de expressões de xingamento de pessoas, a partir de metáforizações de nomes de animais etc., pode valer-se da distância histórica e sociológica verificada nos pares de variantes para diferenciar formas. Em termos semânticos, encontramos, com isso, em uma zona de transição entre o significado conotativo e denotativo. O mais tardar aqui devemos contar com o fato de que são usadas especializações de funções para reduzir a polissemia e que elas, pelo menos secundariamente, mostram esse efeito. Exemplos podem ser encontrados em Wilhelm Münch, referentes a Geisenheim²⁸:

esel 'burro' - *isel* 'como palavra' (N.T.: cf. a forma padrão *Esel*);
flél 'moleque' - *flêxel* 'como palavra' (N.T.: cf. a forma padrão *Flegel*).

Partindo da literatura do dialeto ripuário, Viktor M. Schirmunski reuniu o seguinte²⁹:

ap 'macaco' - *af* 'expressão de xingamento: *du Affe*' (N.T.: cf. a forma padrão *Affe*);
storeç 'cegonha' - *storek* 'pessoa teimosa' (N.T.: cf. a forma padrão *Storch*).

Como se pode ver, tanto a variante mais próxima do padrão quanto a mais distante pode assumir a função característica (portadora do traço). Dentro da especialização conotadora de funções pode ser acrescentada a da valoração intensivadora. Em relação ao dialeto da cidade de Frankfurt/M., J. J. Oppel (1839-1894) observou um contraste de funções conotativo-intensivador no pronome indefinido negativo³⁰:

ka 'nenhum' (negação) - *kei* 'nenhum (enfático)' (N.T.: cf. a forma padrão *kein*).

²⁸ W. MÜNCH. *Untersuchungen zur mittelhessischen Dialektgeographie (Kreise Rheingau und St. Goarshausen)*. Masch. Inaugural-Dissertation. Marburg, 1923. p. 12. - F. MAURER/R. MULCH, *Südhessisches Wörterbuch*. Vol. 2. Marburg, 1969-1972. p. 787-788: "Manche Orte unterscheiden Bed. 1 und 2 lautlich, ..." (Algumas localidades diferenciam os significados 1 e 2 pela pronúncia, ...).

²⁹ V.M. SCHIRMUNSKI. *Deutsche Mundartkunde. Vergleichende Laut- und Formenlehre der deutschen Mundarten*. (Deutsche Akademie der Wissenschaften zu Berlin. Veröffentlichungen des Instituts für deutsche Sprache und Literatur 25) Berlin, 1962. p. 280. - Th. FRINGS. *Sprache und Geschichte*. II. (Mitteldeutsche Studien 17). Halle (Saale), 1956, p. 132. Nesta obra, Frings assinala, ao inverso, a função do palavra para a forma não alterada. De outra maneira o faz R. SCHÜTZEICHEL. *Die Grundlage des westlichen Mitteldeutschen. Studien zur historischen Sprachgeographie*. (Hermaea NF. 10) Tübingen, 1976. p. 293-295, nota de rodapé 746.

³⁰ W. BRÜCKNER (org.). *Frankfurter Wörterbuch* (cf. nota 18), p. 1436.

Uma conotação intensivadora para um par verbal de variantes é comprovada por Ernst Christmann, em Kaulbach³¹:

jamere 'lamentar-se/chorar' - *jēmere* 'gemer de dor' (N.T.: cf. a forma padrão *jammern*).

2.4.2. Variantes (fônicas) espontâneas podem ainda ser funcionalizadas na medida em que são usadas para a diferenciação sutil no que concerne ao sentido denotativo.

2.4.2.1. Isso ocorre para a divisão lexical dos sentidos isolados de uma expressão polissêmica. Por exemplo, em Naunstadt/Ts.³²:

krās 'forma circular' - *kreis* 'unidade administrativa' (N.T.: cf. a forma padrão *Kreis*),

em Waldesch, na região anterior do Hunsrück³³:

khinik 'rei, no jogo de cartas' - *khēnis* e similar 'rei' (N.T.: cf. a forma padrão *König*),

em regiões do francônio renano (Kaulbach)³⁴ e no francônio do Mosela³⁵:

fleš 'abóbora' - *flaš* 'garrafa' (N.T.: cf. a forma padrão *Flasche*),

em Kaulbach³⁶:

deš 'quarto de mulher (ruim, velho)' - *daš* 'bolsa' (N.T.: cf. a forma padrão *Tasche*).

Uma funcionalização do contraste na quantidade [vocálica] (mais exatamente: do contraste [e:]/[ɛ]) no caso de *Krebs* 'câncer' para a diferenciação da

³¹ E. CHRISTMANN. *Der Lautbestand des Rheinfränkischen und sein Wandel in der Mundart von Kaulbach (Pfalz)*. (Veröffentlichungen der Pfälzischen Gesellschaft zur Förderung der Wissenschaften 2) Speyer, 1927. p. 46.

³² F. STROH. *Probleme neuerer Mundartforschung. Beobachtungen und Bemerkungen zu einer Darstellung der Mundart von Naunstadt (Taunus)*. (Gießener Beiträge zur deutschen Philologie 24) Gießen, 1928. p. 61.

³³ H. SCHNATZ. *Studien zur Mundart des Vorderhunsrücks*. Hekt. Inaugural-Dissertation Bonn, 1958. p. 200.

³⁴ E. CHRISTMANN. *Lautbestand* (cf. nota 31), p. 46.

³⁵ A. LEHNERT. *Studien zur Dialektgeographie des Kreises Saarlouis*. (Rheinische Beiträge und Hilfsbücher zur germanischen Philologie und Volkskunde 12) Bonn, 1926. p. 9s.

³⁶ E. CHRISTMANN. *Lautbestand* (cf. nota 31), p. 46.

polissemia 'câncer [animal crustáceo]' - '*Carcinoma*') é, em todo caso, considerada³⁷. Vale observar que tal tendência é aceita para a língua falada padrão.

2.4.2.2. Variantes originais diferenciam dentro de partes-de-relações as designações de partes com referência ao respectivo todo. Em Kassel³⁸:

rengē 'casca do pão' - *renne* 'casca da árvore' (N.T.: cf. a forma padrão *Rinde*),

no distrito de Saarlouis³⁹:

šeel 'casca de frutas, batatas' - *šāl* 'casca de ovos, nozes, leguminosas' (N.T.: cf. a forma padrão *Schale*),

em um dialeto da Baviera⁴⁰:

roāv 'aro que envolve as aduelas do barril' - *raifm* 'pneu de automóvel' (N.T.: cf. a forma padrão *Reifen*),

em Naunstadt/Ts.⁴¹, Merzig⁴² e Ottweiler⁴³:

mourer e similar 'fêmea com filhotes' - *moetr* e similar 'mãe' (N.T.: cf. a forma padrão *Mutter*).

2.4.2.3. Variantes originais diferenciam a ligação de uma expressão a uma terminologia técnica. No dialeto de Pfungstadt,⁴⁴ são diferenciados:

masl 'cinzel' - *maisl* 'cinzel' (cf. a forma padrão *Meißel*);

³⁷ Compare Renate BAUDUSCH et alii. *Rat und Auskunft*. Sprachpflege 28 (Leipzig, 1979). p. 109-111, principalmente p. 109.

³⁸ A. GRASSOW. *Wörterbuch der Kasseler Mundart*, ed. e ampl. por P. HEIDELBACH. Kassel, 1952. p. 60.

³⁹ A. LEHNERT. *Studien* (cf. nota 35), p. 11.

⁴⁰ H. SCHEURINGER. *Sprachstabilität und Sprachvariabilität im nördlichen oberösterreichischen Innviertel und im angrenzenden Niederbayern*. (Schriften zur deutschen Sprache in Österreich 9) Wien, 1985. p. 49.

⁴¹ F. STROH. *Probleme* (cf. nota 32), p. 67.

⁴² E. FUCHS. *Die Merziger Mundart. Erster Teil: Vokalismus*. Inaugural-Dissertation Heidelberg. Darmstadt, 1903. p. 51.

⁴³ K. SCHOLL. *Die Mundarten des Kreises Ottweiler. Untersuchungen auf lautphysiologischer und sprachgeschichtlicher Grundlage*. Straßburg, 1913. p. 44.

⁴⁴ H. GRUND. *Die Mundart von Pfungstadt und ihre sprachliche Schichtung*. (Bausteine zur Volkskunde und Religionswissenschaft 13) Bühl in Baden, 1935. p. 88.

onde a primeira forma citada é, de modo geral, “dialeto” (*mundartlich*), e a segunda pertence à linguagem técnica do serralheiro. Uma linguagem técnica diferente ligada à oposição objetiva de velho vs. novo manifesta-se em

wolte ‘disco de arado’ - *walze* ‘cilindro para a construção de estrada de asfalto’ (cf. a forma padrão *Walze*),

levantado para a região do Harz por volta de 1880⁴⁵.

2.4.2.4. Comentário suplementar sobre um termo da vitivinicultura. Eu gostaria ainda de continuar com um exemplo incomum da atual área de trabalho principal do homenageado [do volume original]. Em todos os casos tratados até agora em 2.4., falou-se da funcionalização de variantes fonológicas regulares. Em seu esforço de alcançar uma realização de fala situada acima da ocorrência de fala normal, os usuários da língua também podem, sob determinadas condições, exagerar no preenchimento da norma gramatical variável. São produzidas, assim, hipercorreções⁴⁶. Essas hipercorreções precisam igualmente ser analisadas como variantes. O exemplo a seguir mostra que elas também podem se tornar base da funcionalização.

No jornal local de Mainz, podem ser encontrados anualmente, na época da vindima, ofertas de emprego do tipo “*Lieser und Lieserinnen gesucht von Weingut X und Y*” (“procura-se trabalhadores e trabalhadoras para a colheita de uva na propriedade X ou Y”)⁴⁷. Na palavra composta *Lieserlohn* ‘salário de quem trabalha na colheita da uva’, a expressão aparece ainda em um outro tipo de texto escrito, mais precisamente nos livros de registro exigidos pela fiscalização para controle do pagamento do chamado “salário de outono”. O centro do uso oral de *Lieser* localiza-se nas regiões vinícolas Nierstein e Oppenheim. Por outro lado, na região de Rheinhessen e em partes do Palatinado há variação entre a forma largamente predominante de (*Trauben*)-*Leser* com a forma mais rara de *Liser*, esta última uma contaminação de *Lieser*, parcialmente usual com o esquema da quantidade vocálica, o qual, entre outros aspectos, mantém ou estabelece a vogal breve diante

⁴⁵ E. DAMKÖHLER. *Nordharzer Wörterbuch. Auf Grundlage der Cattenstedter Mundart*. (Forschungen zur Geschichte des Harzgebietes 4) Wernigerode, 1927. p. 221, 229. Aqui, também A. BACH. *Deutsche Mundartforschung. Ihre Wege, Ergebnisse, Aufgaben*. (Germanische Bibliothek. 3. Reihe) Heidelberg, 1950. p. 252.

⁴⁶ J. HERRGEN. *Koronalisierung und Hyperkorrektur. Das palatale Allophon des /CH/-Phonem und seine Variation im Westmitteldeutschen*. (Mainzer Studien zur Sprach- und Volksforschung 9) Stuttgart, 1986. especialmente p. 194-204, “Sprachwandel durch Hyperkorrektur”.

⁴⁷ *Allgemeine Zeitung Mainz*. In der Zeit der Wirtschaftsprospérité und des Arbeitskräftemangels, p. ex. 10/9/1975 p. 21; 13-14/9/1975 p. 29; 25/9/1975 p. 9; até 7/10/1987 p. 22. - Também F. MAURER/R. MULCH/R. MULCH. *Südheßisches Wörterbuch*. Vol. IV. Marburg, 1978-1985. Coluna 302s. sob indicador de leitura I: escrita de leigos *Lieser* para Worms-Dittelsheim.

de -er⁴⁸. *Lieser* é considerado pela população da região uma forma do alemão padrão, mas pelos revisores do jornal uma expressão do dialeto. Para explicar a sua gênese, pode-se aceitar que, ao corrigir para o alemão padrão a equivalência dialetal do Médio Alto Alemão /i/⁴⁹, abaixado e alongado, se tenha adotado o /e/ de *Leser* com hipercorreção, quando não era necessária a correção⁵⁰. *Lieser* é, então, de acordo com as circunstâncias e a época de seu surgimento – ao que tudo indica, no século XIX – uma variante intencional, estabilizada em uma pequena área, como pertencente à língua padrão, especialmente à língua escrita. Esta variante é ou foi, então, confrontada com *Leser*, esta hipoteticamente associada à língua subpadrão. A função consistiria aqui, então, na diferenciação de tipos de texto.

2.5. A especialização das funções das variantes heteronímicas, morfêmicas e fônicas lexicais de unidades do vocabulário leva à lexicalização dessas variantes? Há que responder a questão afirmativamente, o que mostra que está ocorrendo uma nova distribuição, mesmo que de concentração apenas diferenciada, das unidades do vocabulário nos paradigmas (campos) lexicais-onomasiológicos envolvidos. Isso deveria ser pertinente para aqueles exemplos, dentre os apresentados, com relevância denotativa (2.4.2). Em relação às funcionalizações conotativas, a questão não é tão fácil de ser respondida. Aqui, parece colocar-se perifericamente uma atribuição de nuances com traços próprios no que concerne à regra de uma unidade de vocabulário central sem traços semânticos definidos, de modos que se mantêm inalteradas as estruturas básicas.

Em nenhum caso se pode constatar que as classes de funções investigadas estavam correlacionadas com determinados graus de lexicalização. Cada caso de funcionalização precisa ser definido em particular. Determinante para isso seria investigar a competência lexical dos falantes e dos ouvintes. Trata-se de algo diferente do que ocorre, se os lexicógrafos de dialetos, sob a impressão da lematização baseada na língua padrão, e por motivos de orientação portanto de

⁴⁸ Veja-se, por exemplo, K. HELD. *Studien zur Dialektgeographie der hessischen Pfalz*. Handschr. Inaugural-Dissertation. Marburg, 1915. p. 19. Há um alongamento antes de -el e -er: *leser* [simplificado], ‘Traubenleser’, - O BERTRAM. *Die Mundart der mittleren Vorderpfalz*. (Fränkische Forschungen 7) Erlangen, 1937. p. 41, preservação da antiga vogal breve existente diante de -er ou outro contexto.

⁴⁹ Compare-se F. VALENTIN. *Geschichtlich-geographische Untersuchungen zu den Mundarten rings um Mainz*. (Fränkische Forschungen 2) Erlangen, 1934. p. 25 (§ 83). De acordo com Valentin, “as formas com *ī* estão penetrando fortemente” em *šbēle* ‘spielen (brincar, jogar)’, etc. - Os dados lingüísticos coletados para o Atlas Lingüístico da Renânia Central (*Mittelrheinischer Sprachatlas*) confirmam essa afirmação.

⁵⁰ Compare-se também MOGUNTINUS. *Bücher unerwünscht*. *Allgemeine Zeitung Mainz* 4/10/1978, p. 9. Nesse artigo, o escritor de crônicas do jornal vê *Lieser* como uma expressão dialetal e como um caso de redução polissêmica, quando responde a uma interpelação a esse respeito dirigida à redação do jornal.

ordem prática, não consideram os processos inovadores de lexicalização do âmbito do subpadrão.

O contexto cultural do ensino e da aprendizagem: implicações na formação de educadores

Jacqueline Jordan Irvine¹

Tradução: Iara Regina Brazil²

Revisão: Maria da Graça Paiva³

Esta é uma breve conversa que tive com um garoto Afro-Americano e gostaria de compartilhar com vocês. Estava sentada nos degraus de minha igreja, localizada em uma vizinhança pobre de Atlanta, e, enquanto esperava o chaveiro [pois havia trancado o carro e deixado a chave na ignição] um garotinho curioso me reconheceu e pulou de sua bicicleta para olhar mais de perto [o ocorrido]. Por alguns minutos, persuadi-o de que não precisava arrombar meu carro para devolver-me as chaves, e meu novo amigo, John, sentou-se para conversar. Fiz-lhe as perguntas chatas que usualmente os adultos fazem às crianças: “Como se chama?”, “Quantos anos tem?”, “Onde estuda?”, “Qual é o nome de seu professor?”, “O que você quer ser quando crescer?”. Depois de responder rapidamente às primeiras questões, ele estancou na última, e disse: “Eu não quero ser nada”.

“Ora, vamos”, disse eu, “Há muitas coisas maravilhosas e excitantes para se imaginar - ser um professor, um astronauta, um empresário, um mecânico, um policial. É só fechar os olhos e me contar o que você se vê fazendo quando for adulto.” John seguiu minhas instruções, embora hesitante. Fechou os olhos, cruzou os braços e ergueu a cabeça em direção ao céu, como se precisasse de inspiração divina para esta tarefa tão difícil. Após 15 segundos do que pareceu ser um exercício muito doloroso, eu interrompi sua concentração: “O que você vê?”, perguntei, impacientemente. O jovem murmurou: “Dona, eu não vejo nada.” Chocada pela sua resposta, me sentei, sem palavras, enquanto John pulou na bicicleta e foi-se embora.

¹ Dra. Jacqueline Jordan Irvine é Candler Professor of Urban Education na Divisão de Estudos da Educação da Universidade de Emory, Atlanta, Georgia, Estados Unidos. Na área educacional, dirige o projeto CULTURES (Center for Urban Learning/Teaching and Urban Research in Education and Schools). Este texto é a íntegra da palestra proferida pela autora no seminário comemorativo aos 10 anos do Núcleo de Apoio Pedagógico (NAP-RS / UFRGS), ocorrido em maio de 1998.

² Instituto de Letras – UFRGS.

³ Instituto de Letras – UFRGS.